

Notas sobre Cioran e Nietzsche

Resumo

Este artigo procura estudar algumas observações da obra francesa do filósofo romeno Emil Cioran (1911-1995) que se referem a Nietzsche, particularmente as relativas à ideia de além-do-homem (Ueberschensch).

Palavras-Chave: Cioran; Nietzsche; além-do-homem (Ueberschensch); aforismo; ceticismo.

Abstract

This paper aims to study some remarks of Emil Cioran's French work concerning Nietzsche, particularly the idea of Overman (Ueberschensch).

Key-words: Cioran; Nietzsche; overman (Ueberschensch); aphorism; skepticism.

* Curso de Especialização em História Arte da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Nietzsche foi um ídolo para Emil Cioran, segundo suas próprias palavras¹. Tendo praticado o filósofo alemão na juventude, Cioran deixou-se impregnar por esse pensamento orgânico, assistemático, fragmentário que consegue abarcar todas as nuances da experiência humana. Se, por vezes, Cioran é considerado um “Nietzsche contemporâneo”² (como afirma o seu biógrafo Gabriel Liiceanu), pode-se igualmente afirmar que o seu “ídolo de juventude” foi criticado várias vezes em sua obra. Nosso trabalho procurará expor algumas reflexões cioranianas sobre Nietzsche que estão dispersas em sua obra francesa, do *Breviário de decomposição* (1949) aos *Cahiers* (1997).

No célebre *Breviário de decomposição*, o livro de Cioran “mais famoso e mais representativo”³, Nietzsche é citado como aquele que produziu “verdades de temperamento”⁴. Em Nietzsche, assim como em Kierkegaard, a filosofia se mistura à “confissão”, um “grito da carne”⁵ se torna pensamento, e o filósofo revela o temperamento que o constitui. Segundo Cioran, Nietzsche não é propriamente um “filósofo”, mas um “pensador”, no sentido da frase de *Ecartèlement* (1979): “os filósofos escrevem para os professores, os pensadores para os escritores”⁶. Mas Nietzsche é descrito também como aquele que “nos cativa por suas incompatibilidades”⁷. E Cioran sublinha o que considera “o divórcio de suas opiniões e suas tendências”: “Nietzsche, cuja obra inteira não passa de uma ode à força, arrasta uma existência raquítica, de pungente monotonia”⁸. Aliás, devemos observar que Cioran aprecia realmente em

1 Cioran, Emil. *Silogismos da amargura*, tradução brasileira de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 29: “Como Nietzsche, acreditávamos na perenidade de nossos transe; graças à maturidade de nosso cinismo, fomos ainda mais longe que ele. A ideia do super-homem nos parece, hoje, uma elucubração... Assim se eclipsou o ídolo de nossa juventude”.

2 Liiceanu, Gabriel. *Itinéraires d'une vie: E. M. Cioran*, traduzido do romeno por Alexandra Laignel-Lavastine. Paris: Michalon, 1995, p. 9.

3 Rigoni, Mario Andrea. *Intorno al “précis de décomposition”*, in CIORAN, Emil. *Sommario di decomposizione*, tradução de Mario Andrea Rigoni e Tea Turolla. Milão: Adelphi, 1996, p. 225.

4 Cioran, Emil. *Breviário de decomposição*, tradução brasileira de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p. 170.

5 Idem.

6 Cioran, Emil. *Ecartèlement*, Paris: Gallimard, 1979, p. 70.

7 Cioran, Emil. *Breviário de decomposição*, p. 171.

8 Idem.

Nietzsche esse “desacordo entre sua vida e seu pensamento”⁹. É essa contradição que torna Nietzsche interessante, moderno.

Em *Silogismos da amargura* (1952), Nietzsche aparece como um “cultor da vitalidade”, como um pensador exaltado, mas que permanece vivo para Cioran enquanto “psicólogo agressivo”. Nietzsche não seria apenas um escrutador da comédia da existência (como os moralistas franceses), mas sobretudo aquele que “pensou contra si próprio”, e “inaugurou a era dos complexos”. No trecho de *Silogismos* em que Cioran se refere a Nietzsche¹⁰, ele utiliza essa mistura de anedota e reflexão filosófica que fez a fortuna de Montaigne nos *Ensaio*s.

Em *La tentation d'exister* (1956), Cioran compara Nietzsche com Baudelaire e Dostoiévski, e afirma que os três escritores são “mestres na arte de pensar contra si próprios”¹¹. Pode-se adivinhar a admiração de Cioran: o seu objetivo, enquanto moralista moderno, não é a sabedoria, mas sim uma espécie de exploração desiludida de nossos impasses existenciais e metafísicos. Daí a importância de Nietzsche, que nos convida à “vida intensa” oposta ao Tao de Lao-Tsé¹². A busca paradoxal de um valor para a vida é acompanhada, em Cioran, por um movimento de destruição das ilusões que sustentam a vida.

La chute dans le temps (1964), considerado por Sylvie Jaudeau a “chave da obra cioraniana”¹³, contém uma passagem de real interesse sobre Nietzsche. Cioran cita o trecho célebre de *Além do bem e do mal* (3ª parte, “o fenômeno religioso”) em que Nietzsche define o homem como “*das noch nicht festgestellte Tier*”¹⁴ (“o animal ainda não determinado...”). E ele acrescenta que “o animal racional é o único animal extraviado”¹⁵. Segundo sua visão, o homem não é o

9 Cioran, Emil. *Cahiers 1957-1972*, Paris: Gallimard, 1997, p. 664. Este livro, tão importante para a compreensão da obra de Cioran, foi zelosamente transcrito, a partir de 34 cadernos manuscritos, por sua companheira Simone Boué.

10 Cioran, Emil. *Silogismos da amargura*, p. 28/29.

11 Cioran, Emil. *La tentation d'exister*, Paris: Gallimard, 1956, p. 9.

12 Idem, p. 8.

13 Jaudeau, Sylvie. *Cioran. Entretiens avec Sylvie Jaudeau*, Paris: José Corti, 1990, p. 59.

14 Nietzsche, Friedrich. *Além do bem e do mal*, tradução brasileira de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.65. (KSA, V, p. 81).

15 Cioran, Emil. *La chute dans le temps*, Paris: Gallimard, 1964, p. 23.

“animal inquieto”¹⁶ (como pensa Santo Agostinho nas *Confissões*), mas o “animal descontente”, aquele que se compraz na insatisfação vertiginosa.

De l'inconvénient d'être né (1973), livro inteiramente aforístico e não ensaístico como *História e utopia* (1960), nos coloca diante de uma confissão de Cioran: ele acha agora o ídolo de sua juventude “demasiado ingênuo”¹⁷, e sente-se mais próximo do “imperador fatigado” (Marco Aurélio) do que do “profeta fulgurante” (Nietzsche). Essa crítica do aspecto redentor de Nietzsche (simbolizado pela ideia do *Ueberschensch*) parece importante para situar um pouco Cioran em relação a Nietzsche. Se Nietzsche “continuou os moralistas franceses aprofundando-os”¹⁸, Cioran permanece bloqueado em um estado de dúvida ou perplexidade (o seu ceticismo), e sente-se mais próximo de um Chamfort e de um La Rochefoucauld. As exaltações nietzschianas lhe parecem ser o fruto “de um tipo puro, como todo solitário”¹⁹, e ele reivindica para si o “desapego” ou a “distância” do cético que não ousa acrescentar à condição humana nenhum consolo metafísico, nem mesmo um “além-do-homem”, um *Ueberschensch*.

Nos seus *Cahiers* póstumos (1997), Cioran retorna diversas vezes a Nietzsche, retomando algumas afirmações de suas obras: o divórcio entre o Nietzsche doente e fraco e o apologista da força, o patético de sua compaixão para com as velhas senhoras piedosas, mas acrescenta esse elogio eloquente: “Nietzsche é sem dúvida o maior estilista alemão. Em um país em que os filósofos escreviam tão mal, deveria nascer por reação um gênio do Verbo... Não há na França o equivalente de um Nietzsche – no plano da expressão – quero dizer da intensidade da expressão”²⁰. É necessário observar também que Cioran, um dos maiores prosadores franceses do século vinte, conhecia perfeitamente o alemão literário e filosófico. Aliás, ele tinha aprendido o alemão na sua Romênia natal, e tinha estudado nos anos 1930, em Berlim, com Ludwig Klages e Nicolai Hartmann.

16 Idem.

17 Cioran, Emil. *De l'inconvénient d'être né*, Paris: Gallimard, 1973, p. 105.

18 Carta inédita, datada de Paris, 30 de maio de 1988: “...Nietzsche, qui a continué les moralistes français en les approfondissant”.

19 Cioran, Emil. *Entretien avec Jean-François Duval*, in *Entretiens*, Paris: Gallimard, 1995, p. 56.

20 Cioran, Emil. *Cahiers 1957-1972*, Paris: Gallimard, 1997, p. 756.

Gostaria de dizer finalmente que Cioran considera Nietzsche como um espelho, como uma referência para si próprio. Comentadores mais atentos, e mesmo mais próximos de Cioran como Sanda Stolojan, tradutora de *Lacrimi si sfinti* (1937) para o francês, declaram que há em Cioran, como em Nietzsche, “uma alma lírica”²¹. E que “uma melancolia canalizada por sua paixão pela música atravessa a sua obra”²². Cioran leu apaixonadamente Nietzsche em sua juventude, é considerado como “o maior aforista desde Nietzsche”, e é com ele que dialoga quando proclama que “o homem não pode ser superado, pode ser no máximo renegado”²³.

Admirador de um Nietzsche desilusionista, “o perito em decadências, o psicólogo agressivo”²⁴. Cioran é refratário à utopia nietzschiana do além-do-homem. Ele permanece fiel ao ceticismo dos moralistas, que descrevem o teatro do mundo, o contemplam com sarcasmo ou ironia, mas sabem que a existência sem Deus ou deuses está condenada ao descontentamento e à insatisfação.

21 Stolojan, Sanda. *Cioran ou le devoir de cruauté in Lectures de Cioran*, textos reunidos por Norbert Dodille e Gabriel Liiceanu, Paris: L'Harmattan, 1997, p. 49.

22 Idem.

23 Cioran, Emil. *Entretien avec Georg C. Focke in Entretiens*, Paris: Gallimard, 1995, p. 251.

24 Cioran, Emil. *Silogismos da amargura*, p. 39.

